

**Kierkegaard como crítico da
imprensa: O caso “Corsário”**

Márcio Gimenes de Paula
Professor-adjunto
Departamento de Filosofia
Universidade de Brasília
marciogimenes@unb.br

Resumo: A proposta do meu trabalho é apresentar, a partir de uma interpretação do caso *Corsário*, a crítica de Kierkegaard a um dado tipo de jornalismo que ocorria na Dinamarca de sua época. O intuito é compreender a polêmica do pensador para além de uma mera querela dinamarquesa e paroquial, situando-a num contexto maior de crítica à imprensa e, nessa mesma direção, almeja compreender o quanto o autor dinamarquês se enquadraria no modelo do típico intelectual do século XIX. Desse modo, o artigo divide-se em três partes: a) O caso *Corsário* - uma primeira explicação, b) Kierkegaard como intelectual do século XIX; c) Kierkegaard e outros autores da crise da modernidade: Balzac e Bernanos; d) Considerações finais.

Palavras-chave: Kierkegaard, filosofia contemporânea, sociedade dinamarquesa, modernidade.

**Kierkegaard as a critic of the
press: The case "Corsair"**

Abstract: The purpose of my work is to present, from an interpretation of the *Corsair Affair*, Kierkegaard's critique of a type of journalism that occurred in Denmark of his time. The aim is to understand the controversial thinker beyond a mere quarrel and Danish parish, placing it in a larger context of criticism of the press, and in the same direction, aims to understand how the Danish author would fit the model of the typical intellectual of the century XIX. Thus, the article is divided into three parts: a) The *Corsair Affair* - a first explanation, b) as an intellectual Kierkegaard's nineteenth century c) Kierkegaard and other authors of the crisis of modernity: Balzac and Bernanos, d) Final considerations.

Keywords: Kierkegaard, contemporary philosophy, Danish society, modernity.

“Muitos homens bons podem ser encontrados entre os açougueiros, mas uma certa brutalidade é inseparável da profissão. É pior ser jornalista. Um certo grau de desonestidade é inseparável mesmo do jornalista mais honesto” (Kierkegaard, 1967, X.2 A 314: 898)

O Corsário – uma primeira explicação

O *Corsário* foi um jornal satírico semanal fundado em 1840, na cidade de Copenhague. Seu fundador foi Meir Aron Goldschmidt e um de seus colaboradores mais frequentes foi P.L. Møller. Tratava-se de um periódico satírico que produzia contundentes críticas à monarquia absolutista, à nobreza, aos funcionários públicos e à burguesia, entre tantos outros. Goldschmidt era, a princípio, grande admirador da figura de Kierkegaard e, inclusive, dedicou resenhas bastante favoráveis a alguns livros do pensador nas páginas do seu periódico. Kierkegaard, contudo, sempre avaliou o periódico como bastante grosseiro e, além de nunca ter dado importância às resenhas favoráveis,

parece ter acalentado dentro de si o sonho de ser atacado pelo jornal, fato que ocorreu e se constituiu no denominado caso *Corsário*. Tratava-se, portanto, de uma espécie de *imprensa alternativa* ou, como dizemos costumeiramente nos dias atuais, de um jornal satírico e sensacionalista que, contemporaneamente, pode existir também nas diversas mídias possíveis. Garff chama atenção para o próprio nome do jornal. O termo *corsário* parece ter inspiração nos antigos piratas, que caminhavam à margem da legalidade, promovendo pilhagens. Além disso, a inspiração do periódico tem muito a ver também com os ideais da Revolução Francesa que, como se pode perceber, também será inspirador de um tipo de imprensa e literatura¹.

Kierkegaard não parece ser autor o único a ter problemas com a posição de *O Corsário*, Georg Brandes, pensador dinamarquês célebre pela divulgação de Kierkegaard (e de Nietzsche) também parece compreender que o periódico era bastante limitado e com críticas exageradas. Howard e Edna Hong, na sua introdução histórica ao caso do *Corsário*, apontam claramente para esse tipo de posição de Brandes. Segundo eles, o acadêmico enxergava no *Corsário Affair* um caso que demonstra o tamanho que o poder da imprensa pode ter numa determinada sociedade e, mais do que isso, o que isso pode efetivamente gerar por meio de suas distorções².

Aos nossos olhos, a polêmica pode ser um tanto distante e até de difícil compreensão.

¹ JOAKIM, G. *Søren Kierkegaard – a biography*. PUP: New Jersey (2005: 375 e ss).

² KIERKEGAARD, S.A. *The Corsair Affair and articles related to the writings*: PUP: New Jersey (1982: ix e ss.)

dinamarquês não apreciou as críticas de um periódico satírico ou que, ainda pior, se ofendeu com elas pode ser interpretado, de algum modo, num tom no mínimo estranho, pois poderia soar que o autor, que parece tanto apreciar sátiras e ironias e que, inclusive pensou em fazer uma tese sobre a sátira antes da ironia, agora se ofende com elas. Penso que é nesse sentido que Almeida e Valls apontam para um Kierkegaard “moralista” após a polêmica do *Corsário*:

Kierkegaard teve de decidir se atuaria como professor ou como pastor. Recusara casar-se e resolveu esgotar-se como escritor, depois de provocar uma ruidosa discussão com o jornal satírico O corsário, que levou a polêmica para o campo da zombaria. Quanto há de autêntico e quanto de teatral na atitude moralista que Kierkegaard foi assumindo daí em diante é difícil dizer (ALMEIDA;VALLS, 2007: 21).

Não me parece, ao contrário do que pensam os autores, que Kierkegaard assumiu uma posição moralista diante do caso de *O Corsário*. O que parece é que o pensador dinamarquês tinha bons motivos para se opor ao periódico e ao seu modo de conduta, tal como o fará também com relação a Igreja oficial dinamarquesa. O tom até pode ter sido o do teatro, mas a posição não parece moralista, pois Kierkegaard não combateu em nome de uma moral, de um conjunto de valores e ainda menos indicou seu próprio exemplo como regra de conduta, tal como procedem muitos moralistas.

O que havia de cômico e de irônico nas páginas do *Corsário*? Ainda melhor: com que finalidade se usava o cômico e o irônico nesse jornal? Suas páginas mostram, num tempo bem anterior a nossa era de exposições, onde a vida privada se tornou objeto de voyeurismo, uma invasão da privacidade de figuras públicas e conhecidas. Não se trata mais da discussão de assuntos públicos e que interessam publicamente, mas de assuntos íntimos, de coisas da vida privada que agora são expostos para um público ávido em adquirir e alimentar esse tipo de indústria de notícias. Por isso é que não parece despropositado que Kierkegaard tenha, no meio da polêmica, denominado a si mesmo como o “mártir do riso”, tal como se pode perceber nos seus *Diários*: “o martírio do riso é o que realmente eu tenho sofrido... Eu sou o mártir do riso” (KIERKEGAARD, 1982, X A 120.91: 236). Burgess explora de modo muito significativo tal pista e aposta aqui numa analogia entre Sócrates e Kierkegaard³.

Na outra ponta dessa polêmica, podemos ver duas respostas de Kierkegaard ao *Corsário*. A primeira encontra-se num instigante texto denominado “O resultado dialético de uma ação literário-policia”. Tal trabalho, publicado no jornal *A Pátria*, é uma resposta a um texto, publicado no *Corsário*, no qual Kierkegaard e seu pseudônimo Frater Taciturnus são fortemente ridicularizados. A segunda encontra-se numa carta aberta feita por Kierkegaard em resposta ao pastor Rudelbach e suas concepções acerca do cristianismo. Nela já podemos perceber

³ BURGESS, Andrew J. “Kierkegaard’s Socrates, The Corsair Affair, and the Martyrdom of Laughter”. In: *Filosofia*, Roc 68, 2013. <http://www.klemens.sav.sk/fiusav/doc/filosofia/2013/1/38-49.pdf>. Acessado em 04.02.2014.



claramente o tom kierkegaardiano, que ficará mais claro na polêmica de *O Instante*, isto é, a crítica da ideia de cristandade e de uma cultura dita cristã. O conceito que fica permeando o tempo todo o texto é o de algo tomado como habitual ou costumeiramente cristão o que, parece aos olhos de Kierkegaard, uma completa incompreensão do que significa efetivamente o cristianismo. O texto é recheado de retórica, ironia e colocações polêmicas do autor⁴.

Com efeito, Kierkegaard não é alguém que não sabe “brincar” ou “jogar o jogo”. Sua interpretação sobre Sócrates no *Conceito de ironia*⁵, por exemplo, tem um profundo apreço pela leitura de Aristófanes, chegando inclusive a afirmar que ele colocava em cena um Sócrates tal como o povo concebia e que, segundo ele, o próprio Sócrates teria ido a algumas das representações e se divertido com elas. Além disso, é claro, a ironia é o recheio de toda a obra. Onde residiria, então, a ofensa de Kierkegaard? Ainda mais: qual o motivo real dela existir?

Aqui cabe, talvez, analisar um ponto já anotado por Garff. Segundo ele, não podemos nos esquecer do contexto onde se enquadra o periódico, isto é, contexto num sentido mais amplo, aquilo que denominamos, tal como também já apontaram Bruce Kirmmse e Jon Stewart: a *era de ouro dinamarquesa*⁶. Tal período é marcado por alguns intensos debates políticos, acadêmicos e eclesiásticos. Mesmo

no contexto da afastada Dinamarca, tais ideias parecem chegar tanto da Alemanha quando da França e o modo como se pensa política e filosofia parece receber influência direta desses dois países. Assim, segundo aponta Garff, *o Corsário* é um periódico iluminista. O que isso parece querer apontar? Penso que aqui pode existir um ponto mais consistente para entendermos a recusa de Kierkegaard ao periódico. Não parece que o pensador o recusa apenas por produzir ironia, sátira, ainda que essas pudessem ser até ser tomadas, em algum grau, como grosseiras, pessoais e etc, tendo, inclusive, rendido a ele perseguições pessoais e zombarias pelas ruas de Copenhague, transformando-o numa espécie de mártir da imprensa do seu tempo.

Kierkegaard como intelectual do século XIX

O que significa, portanto, no pensamento kierkegaardiano, a recusa do iluminismo? Ou ainda melhor: de que iluminismo falamos aqui? Para cercar mais de perto está pergunta, julgo que precisamos antes compreender que Kierkegaard foi, ainda que a contragosto, um tipo de intelectual produzido pela sua época, a saber, o século XIX. Segundo Charle, é preciso uma aproximação com a história social para compreender quem foram esses intelectuais:

A história dos intelectuais na primeira metade do século XIX é manifestamente contraditória. Temos nessa época um dos períodos mais brilhantes da cultura europeia, pois nela

⁴ KIERKEGAARD, S.A. *El Instante*. Trotta: Madrid, 2006.

⁵ KIERKEGAARD, S.A. *O Conceito de ironia*. Vozes: Petrópolis (1991: 108 e ss).

⁶ KIRMMSE, Bruce. *Kierkegaard in Golden Age Denmark*. Indiana University Press: Indiana, 1990. STEWART, Jon. *A History of Hegelianism in Golden Age Denmark*. C.A.Reitzel: Copenhagen, 2007.

Kierkegaard como crítico da imprensa: O caso “Corsário”

surgiram os movimentos filosóficos, literários e políticos que serviram de base para as grandes mudanças do século e tem exercido uma influência que perdurará até o século XX, tais como o romantismo, o socialismo, o liberalismo e o nacionalismo (CHARLE, 2000: 3).

Desse modo, o intelectual do século XIX, tal como Kierkegaard, não deixa de ser um herdeiro do tipo de intelectual proveniente do momento posterior da Revolução Francesa: um tipo contraditório e que é um moderno em crise com o seu tempo. Como bem salienta Charle, essa talvez tenha sido a primeira linha divisória da história dos intelectuais.

Quem seriam esses modernos anti-iluministas? Qual o significado filosófico dessa discussão? Tudo parece, segundo penso, profundamente iluminador para entendermos o caso *Corsário* e a crítica kierkegaardiana à imprensa. A modernidade a contragosto de Kierkegaard pode ser vista, penso eu, na sua própria interpretação da história humana que, segundo julgo, está ligada a sua concepção de história compreendida dentro do contexto cristão. Num século como o XIX, onde os ideais de progresso e de autonomia parecem imperar, um autor que aponta para o tema do pecado original, dos limites do que o homem pode efetivamente realizar, que parece flertar com o pessimismo, é um homem fora do que significa a modernidade, mas, ao mesmo tempo, também parece, notadamente pelo seu apreço pelo indivíduo, nutrir dentro de si um germe da modernidade. No *Conceito de ironia*, Kierkegaard aponta que Sócrates vivia um dilema: o seu *daimon* se situava

entre aquilo que a tradição e o Estado grego apontavam e aquilo que a consciência autônoma ainda não foi capaz de criar ou assumir. Desse modo, o *daimon* seria um intermediário entre um mundo que parece se despedir e um mundo novo que ainda não parece ter conseguido se firmar. Tal concepção é rica e pode nos fazer pensar até em que medida o próprio Kierkegaard não parece viver a mesma situação, isto é, em que medida ele não é ainda reflexo de um moderno que não se completou totalmente e quanto ainda não é capaz de anunciar o que virá depois.

Penso que as teses de Kierkegaard sobre a história, que aparecem tanto nas *Migalhas Filosóficas* como no *Postscriptum*, mereceriam aqui um cuidado todo especial, o que ultrapassaria o nosso objetivo aqui proposto⁷. Para não cair no modelo socrático, que tem como pressuposto que o homem é capaz de alcançar a verdade pelos seus próprios esforços, o autor dinamarquês tem que, necessariamente, possuir um outro conceito de história e aqui, forjando um modelo que chamaríamos de modelo de ficção poética, ele parece construir uma tese muito próxima de algo que parecemos conhecer, a saber, o cristianismo. Curiosamente, um dos temas por excelência dos modernos a contragosto é o pecado original, exatamente o tema central das teses de Kierkegaard nas *Migalhas*, no *Postscriptum* e no *Conceito de Angústia*⁸. Desse modo, a história construída autonomamente pelo homem e o pecado original se chocariam diretamente. O moderno fora do seu tempo é aquele que não consegue conceber a história como

⁷ KIERKEGAARD, S.A. *Migalhas Filosóficas*. Vozes: Petrópolis, 1995; KIERKEGAARD, S.A. *Escrito às Migalhas Filosóficas*. Vozes: Petrópolis, 2013.

⁸ KIERKEGAARD, S.A. *O Conceito de Angústia*. Vozes: Petrópolis, 2011.



completa autonomia. Por isso, ele pode ser um cristão, como parece ter sido Kierkegaard, ou pode ser um niilista. Sendo cristão ou niilista vive entre duas alternativas que, com muita frequência, podem se encontrar.

Desse modo, a tese de Löwith, que compreendia Kierkegaard na esteira dos pensadores pós-hegelianos do século XIX e parece ter percebido, de um outro modo, que o grande problema kierkegaardiano em ser anti-iluminista é, na verdade, sua concepção de história que é bastante diferente de Hegel:

Apesar dessa ênfase na paixão, a oposição decisiva entre Hegel e Kierkegaard não se situa na colocação polêmica da subjetividade apaixonada frente à razão objetiva, e sim na concepção que eles têm da relação da história para com o cristianismo. Kierkegaard sentiu a relação da verdade eterna para com o processo da história como um dilema que ele tentava solucionar paradoxal-dialeticamente. Hegel pôs o absoluto do cristianismo na história universal do espírito, de modo que não pudesse ocorrer uma ruptura entre ambos. Na medida em que Kierkegaard pensa, por outro lado, a contradição que consiste em que uma felicidade eterna deve edificar-se sobre um saber histórico, ele tem de querer a subjetividade da apropriação do cristianismo em contraposição à sua irradiação histórica, e tem de apresentar um conceito de história que ignora o poder objetivo do acontecer e perverte o sentido histórico. É desta história subjetivizada em vistas à apropriação que deriva o conceito da historicidade da ontologia existencial (Heidegger) e da filosofia da existência (Jaspers). (LÖWITH, 1969: 428-429)

Kierkegaard e outros autores da crise da modernidade: Balzac e Bernanos

Feita essa pequena avaliação, parece que podemos agora perceber que o problema de Kierkegaard com o iluminista *Corsário* não é, portanto, um problema com a sátira, com a ironia ou uma guinada moralista. Aliás, o próprio Kierkegaard também produziu, no final de sua vida, um semanário denominado *O Instante* onde almejava alertar o homem comum dos problemas da cultura de sua época: religião, política, vida acadêmica, tudo isso se encontrava nesse periódico que, com muita perspicácia – e dentro do bom espírito das teses críticas do século XIX – apontava claramente os problemas. É claro que o empreendimento de Kierkegaard não era do mesmo porte e nem tinha as mesmas finalidades de *O Corsário*, mas não deixava por isso de participar do debate com extrema ironia e retórica, inclusive, de caráter jornalístico, fazendo agora, depois de tantas críticas, uma espécie de comunicação direta.

Kierkegaard parece, com os seus fascículos, se inserir dentro do melhor contexto de teses e de debates de teses do século XIX, época de movimentos socialistas, anarquistas e por que não falar que ele, como protestante de formação, parece recuperar, ao seu modo, um viés luterano que, nos primórdios da Reforma, também andou a defender teses. Desse modo, parece se inserir aqui uma outra pergunta que valeria, certamente, uma investigação mais aprofundada: qual é, então, o problema de Kierkegaard com o jornalismo? Penso que ele pode ser bem percebido nas críticas que o autor aponta não só na sua recusa ao

Kierkegaard como crítico da imprensa: O caso “Corsário”

Corsário, mas também no *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor* e na resenha *Duas Eras*⁹, em que ele já fornece indicativos disso. Na primeira obra, ela aponta os limites do jornalismo, sua forte ligação com o tema da opinião pública, com o número. Em outras palavras, a tendência de nivelamento de tudo é muito alta e, segundo seu entender, tal perigo ocorre nos debates políticos do século XIX. Para articular tal crítica, o pensador leva em conta as duas principais referências da subjetividade: Sócrates, que sabia dos limites do público e Cristo, que sempre privilegiou a consciência individual. Na segunda obra, apesar de destacar os méritos da paixão existente nos tempos da Revolução Francesa, o que parecia um avanço em comparação a um período que parece desprezar o *pathós*, o autor ressalta, tal como também já aponta em *Sobra a diferença entre um gênio e um apóstolo*¹⁰, que política e religião possuem diferentes teleologias. A primeira possui a teleologia do imanente, a segunda a teleologia do eterno.

A crítica ao jornalismo como uma indústria de superficialidade e de mera produção de notícia certamente será aprimorada no século XX se pensarmos notadamente em Adorno e Horkheimer e nas críticas do conceito de indústria cultural que, a despeito de ser maior, abarca também o

jornalismo¹¹. Contudo, parece haver um outro elo bastante significativo em Kierkegaard que, talvez, pudesse ser melhor explorado. Refiro-me aqui *As Ilusões Perdidas* de Balzac¹². Nessa obra, tão bem explorada por muitos analistas até os dias atuais, a crítica do jornalismo salta aos olhos e aqui Balzac já parece antever o que ocorrerá numa sociedade onde todos serão guiados por manchetes de jornais, pela dita opinião pública e, evidentemente, o quanto essa indústria também possuirá os seus interesses políticos e econômicos, ainda que não os confesse de modo explícito e, sob a capa da opinião pública e da dita neutralidade, tenha claras opções. Talvez com um diferente registro e perspectiva, Kierkegaard esteja apontando coisas muito próximas daquilo que observou Balzac, o que também o colocaria como um dos autores em crise com a modernidade, um moderno a contragosto. Além disso, essa publicação do autor francês se dá entre 1837 e 1843, época em que Kierkegaard também está produzindo sua obra como escritor. Valeria aqui investigar em que sentido o intelectual dinamarquês, numa perspectiva que parece mais próxima das teses centrais do cristianismo, e Balzac, um crítico da vida francesa e dos valores em mutação e que perdem o seu sentido dia a dia, se encontram. As ilusões podem estar todas perdidas: na Dinamarca, na França ou no Brasil¹³.

⁹ KIERKEGAARD, S.A. *La época presente*. Trotta: Madrid, 2012; KIERKEGAARD, S.A. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Edições 70: Lisboa, 1986.

¹⁰ Vide tradução portuguesa de O ponto de vista explicativo da minha obra como escritor.

¹¹ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. “A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas”. In: *Indústria cultural e sociedade*. Paz e Terra: São Paulo, 2002.

¹² BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. Abril Cultural: São Paulo, 1981.

¹³ Recomendo, nesse sentido, a leitura do excelente estudo de Vinisk sobre tal temática em Balzac: VINISK, José Miguel. “As ilusões perdidas”. In: NOVAES, Adauto (org). *Ética*. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.



Outro fecundo encontro de Kierkegaard poderia ser com George Bernanos, escritor francês situado entre o século XIX e XX e que, inclusive, viveu um período de sua vida no Brasil. Bernanos produziu inúmeras obras literárias nas quais discute a temática da secularização e dos tempos modernos e é, sem sombra de dúvida, um autor inquietante. Na sua obra *Diário de um pároco de aldeia* de 1934, que ficou célebre por inspirar um filme de Bresson e, de forma mais indireta, inspirar também uma releitura que Bergmann fará de Bresson no seu *Luz de Inverno*, há uma passagem brilhante em que o diário registra uma instigante afirmação do padre jovem e doente:

Somos conservadores, que seja. Mas conservamos para salvar; eis o que o mundo não pode compreender, porque o mundo só quer durar, subsistir. Ora, o mundo não pode mais contentar-se em durar... outrora indiferente ao bem e ao mal, o mundo apenas conhecia a lei do seu próprio poder: o cristianismo deu-lhe uma alma, uma alma para salvar ou perder (BERNANOS, 2011: 48-49).

O autor francês confessa aqui, de modo aberto, o seu conservadorismo e acrescenta a ele um valor talvez perdido na modernidade, o que o faz também um moderno a contragosto: a salvação. Não se trata meramente aqui de uma salvação vista somente pela estreita perspectiva de um dado tipo de abordagem da religião cristã, mas de salvação como perspectiva, como reconhecimento da solidão do homem no mundo, da sua carência, da sua recusa de uma autonomia total exatamente por julgá-la não como impossível, mas como ilusória. O mundo antigo parece apreciar a duração, o subsistir, mas subsistir não é a essência do homem no mundo e, por isso,

a proposta do cristianismo é uma ética desafiadora.

Bernanos é um crítico daquilo que pode alcançar a modernidade e onde ela parece ter perdido os seus fundamentos, tal como se pode atestar também esse belo trecho onde o padre jovem medita sobre a sua fé:

Não, não perdi a fé! Esta expressão perder a fé, como se perde um porta-níqueis ou um molbo de chaves, sempre me pareceu um pouco estúpida. Deve pertencer ao vocabulário da piedade burguesa e foi, com certeza, inventada por aqueles padres tristes do século XVIII, tão fúteis. Não se perde a fé – ela deixa de informar a vida, isso sim (BERNANOS, 2011:117).

Em outras palavras, a perda da fé é, no fundo, uma perda de relação com a vida, coisa que o século XVIII, no entender de Bernanos, parece ter sofrido e, no meio da sua tristeza, parece ter legado à modernidade. Desse modo, a forte relação entre fé e existência, presente desde os primórdios do cristianismo, e também em Kierkegaard, recebe sua leitura peculiar em Bernanos e a aproximação entre os dois autores parece extremamente rica de significados.

Considerações finais

Bernard- Henri Levy avalia que mesmo uma história subjetiva dos intelectuais não pode ser pensada sem uma certa interpretação hegeliana:

Não se pode pensar essa história sem ser um pouco hegeliano. Creio que se escreve uma história ingênua das ideias se se finge acreditar que os conceitos estão aí, sempre aí, uma sombra qualquer onde esperaríamos prudentemente que um senhor Leal mais dinâmico, mais apressado, menos complacente, também, com as lentidões da

Kierkegaard como crítico da imprensa: O caso “Corsário”

dialética, os introduzisse na arena (LÉVY, 1992: 340).

Com efeito, Kierkegaard nunca deixou, então, de ser um autor tipicamente hegeliano. Como bem já apontou Löwith, alguém que transitou da religião para a literatura e para a política, permitindo, inclusive, interpretações mais contemporâneas que o tomam como um autor importante para a discussão acerca do ativismo¹⁴. Desse modo, o *Corsário Affair* é um ponto a mais nessa trajetória intelectual marcada pela discussão do que é público e daquilo que o jornalismo toma por público e interpreta como opinião pública. O intuito do presente artigo não foi pontuar, passo a passo, cada aspecto da polêmica, mas simplesmente lembrar o seu cerne com o objetivo de recuperar Kierkegaard como um pensador crítico dos seus dias e importante para uma discussão social e política. Dentro dessa mesma perspectiva, a afirmação do autor dinamarquês como um pensador da crise da modernidade – e o que isso significava – foi fundamental. O pensador de Copenhague foi não um isolado como ainda hoje pensam alguns manuais de história da filosofia, mas um pensador num tempo e num contexto muito significativos. Um intelectual do século XIX dentre outros, com peculiaridades e afinidades que sempre valem uma investigação mais minuciosa.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. “A indústria cultural – o

iluminismo como mistificação das massas”. In: *Indústria cultural e sociedade*. Paz e Terra: São Paulo, 2002.

ALMEIDA, Jorge; VALLS, Álvaro. *Kierkegaard*. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. Abril Cultural: São Paulo, 1981.

BERNANOS, Georges. *Diário de um pároco de aldeia*. Editora E: São Paulo.

BURGESS, Andrew J. Kierkegaard’s Socrates, The Corsair Affair, and the Martyrdom of Laughter in *Filosofia, Roc 68*, 2013. <http://www.klemens.sav.sk/fiusav/doc/filosofia/2013/1/38-49.pdf>. Acessado em 04.02.2014.

CHARLE, Christophe. *Los intelectuales en el siglo XIX*. Siglo Veintiuno: Madrid, 2000.

GARFF, Joakim. *Soren Kierkegaard – a biography*. PUP: New Jersey, 2005.

KIERKEGAARD, S.A. 2011. *O Conceito de Angústia*. Vozes: Petrópolis, 2011.

_____. *O Conceito de ironia*. Vozes: Petrópolis, 1991.

_____. *The Corsair Affair and articles related to the writings*. PUP: New Jersey, 1982.

_____. *La época presente*. Trotta: Madrid, 2012.

_____. *El Instante*. Trotta: Madrid .2006.

¹⁴MATUSTIK, Martin J. *Kierkegaard as social-political thinker and activist*. *Man and World* 27:211-224,1994.



- _____. *Migalhas Filosóficas*.
Vozes: Petrópolis, 1995.
- _____. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*.
Edições 70: Lisboa, 1986.
- _____. *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*. Vozes: Petrópolis, 2013.
- _____. *Søren Kierkegaard's Journals and Papers*, IUP: Indiana, 1967.
- KIRMMSE, Bruce (org). *Encounters with Kierkegaard – a life as seen by his contemporaries*. PUP: New Jersey, 1996.
- KIRMMSE, Bruce. *Kierkegaard in Golden Age Denmark*. Indiana University Press: Indiana, 1990.
- LÉVY, Bernard-Henri. *As aventuras da liberdade – uma história subjetiva dos intelectuais*. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.
- LÖWTH, Karl. *De Hegel à Nietzsche*. Gallimard: Paris, 1969.
- STEWART, Jon. *A History of Hegelianism in Golden Age Denmark*. C.A.Reitzel: Copenhagen, 2007.
- MATUSTIK, Martin J. Kierkegaard as social-political thinker and activist. *Man and World* 27:211-224, 1994.
- VINISK, José Miguel. “As ilusões perdidas” In NOVAES, Adauto (org). *Ética*. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.